



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC

MAÍRA SANTANA FORTUNATO

**A PANDEMIA E A SAÚDE DO TRABALHADOR OPERACIONAL DAS
ATIVIDADES CONSIDERADAS ESSENCIAIS**

Rio de Janeiro – RJ

2022

MAÍRA SANTANA FORTUNATO

**A PANDEMIA E A SAÚDE DO TRABALHADOR OPERACIONAL DAS
ATIVIDADES CONSIDERADAS ESSENCIAIS.**

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt.

MAÍRA SANTANA FORTUNATO

A PANDEMIA E A SAÚDE DO TRABALHADOR OPERACIONAL DAS ATIVIDADES
CONSIDERADAS ESSENCIAIS.

Monografia apresentada à Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(FACC/UFRJ) como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Administração aprovada pela seguinte banca
examinadora.

Aprovada em: _____

Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt - Orientador

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. Geraldo Nunes

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

2022

Ao meu Deus, meus pais e esposo, por
todo amor e compreensão, gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao todo poderoso Deus, pois sei que em todos os momentos esteve comigo, em cada lágrima e em cada sorriso.

Quero aqui também expressar minha gratidão, aos meus pais Hamilton Fortunato e Rosangela Fortunato sem o nosso Senhor Jesus e vocês eu não conseguiria, obrigada por todo esforço, amor, palavras de força e consolo, noites em claro me apoiando, me levando ao ponto do ônibus de madrugada, me esperando quando chegava tarde, tem o nome de vocês nesse diploma.

A meu esposo César Augusto por continuar a caminhada comigo me ajudando, me apoiando e consolando nos momentos difíceis, sempre com palavras de encorajamento e motivação, estando junto comigo na realização desse sonho.

Ao meu orientador Renato Nunes Bittencourt por além de me orientar e tranquilizar pois muitas vezes me sentia incapaz de chegar até aqui, você me ensinou a ter paciência e entender que tudo tem seu tempo um passo de cada vez chegaremos lá, obrigada por me ensinar a ter paz em meio ao caos psicológico que eu me encontrava.

Aos queridos professores que marcaram minha trajetória, Maria de Fátima Bruno, seu jeito doce e acolhedor eu nunca vou esquecer, me marcou profundamente; ao professor Paulo Roberto Falcão, te ouvir me faz acreditar que administrar e gerenciar de forma ética é possível sim, obrigada por compartilhar sua experiência com todos nós. Ao professor Geraldo Nunes pela gentileza em aceitar fazer parte da banca e pelos seus inestimáveis comentários que muito agregaram ao texto final.

Na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis e na Escola de Educação Física e Desporto há muitos professores e servidores que admiro e respeito. Meu muito obrigada a todos.

Aos meus colegas Priscilla Garret, Andreia Silva, Carmen Thaumaturgo, Winny Fernandez, Maíta Cunha e Raquel Christini vocês marcaram minha vida acadêmica e quero levá-las comigo pois tenho grande admiração pelas mulheres fortes e profissionais incríveis que vocês são.

Aos meus amigos que me acompanharam durante todos esses anos, Isabela Verdino, Camila Bayer e Thiago Oliveira, obrigada pelos ouvidos atentos a minha falação diária, os desabafos noturnos, o compartilhar de medos e angústias e a todos os meus parentes que torceram por mim.

A UFRJ, minha profunda admiração, aqui se encerra um ciclo, com a permissão de Deus se iniciará outro no tempo em que Ele achar cabível, obrigada por todas as experiências aqui vividas, vida longa a Universidade Pública Brasileira que possamos resistir e ser profissionais merecedores do nome que carregamos em nosso diploma universitário.

“Trabalhadores assalariados se arriscam e morrem enquanto os plutocratas se salvam”
BITTENCOURT (2021, p.12)

Resumo

O presente trabalho, buscar apontar condições vividas por trabalhadores de atividades operacionais consideradas essenciais durante a pandemia, buscou-se descrever como se passou os desafios enfrentados por eles no seu cotidiano exaustivo, e como as empresas se posicionaram em relação a adaptação das condições de trabalho vividas por esses trabalhadores. Como a saúde física e mental desses trabalhadores está e esteve, como eles conseguiram sobreviver em condições precárias e exploratórias, a falta de incentivo e fiscalização trabalhista, alto índice de mortalidade por condições indevidas da pratica de suas atividades. Desrespeito com o ser humano, cidadão brasileiro que vive à margem da pobreza ou em péssimas condições de trabalho e sanitárias de moradia, periféricos que lutam para a sua sobrevivência.

Palavras – Chave: COVID-19, atividades essenciais, saúde do trabalhador, condições de trabalho.

ABSTRACT

The present work, seeking to point out conditions experienced by workers in operational activities considered essential during the pandemic, sought to describe how the challenges faced by them in their exhausting daily life were passed, and how companies positioned themselves in relation to the adaptation of working conditions. experienced by these workers. How the physical and mental health of these workers is and was, how they managed to survive in precarious and exploitative conditions, the lack of incentives and labor inspection, high mortality rate due to undue conditions in the practice of their activities. Disrespect for the human being, a Brazilian citizen who lives on the margins of poverty or in terrible working and sanitary conditions of housing, peripherals who fight for their survival.

Keywords: COVID-19, essential activities, worker health, working conditions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 : Relatório 2018 – Sistema de Informações da Mobilidade Urbana da Associação Nacional de Transportes Público	20
Figura 2 : Atividades econômicas essenciais e não essenciais	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil

EPC - Equipamento de Proteção Coletiva

EPI - Equipamento de Proteção Individual

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OMS - Organização Mundial da Saúde

P&D - Pesquisa e Desenvolvimento

PIB - Produto Interno Bruto

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.	15
1.2. OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivos Geral.....	15
1.2.2. Objetivos Específicos.....	15
1.2.3. Justificativa.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3. METODOLOGIA.....	17
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	17
4. RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	18
4.1. A pandemia e a importância das atividades operacionais essenciais.....	18
4.2. A saúde emocional e física do trabalhador operacional	23
4.3. Precarização da mão de obra operacional	25
4.4. Responsabilidade empresarial e social	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como proposta mostrar a importância das atividades essenciais operacionais em um âmbito socioeconômico em nosso país, assim como essas atividades influenciaram para as questões referentes a continuidade dos serviços considerados essenciais e como a pandemia da COVID-19 interferiu na saúde desses trabalhadores de linha de frente os quais sustentaram os serviços que eram de suma importância para a manutenção da dita vida normal de nossa sociedade

Segundo informações oficiais da Casa Civil, o objetivo de ter as atividades essenciais determinadas por decreto é impedir que uma eventual paralisação dos serviços prejudique a aquisição de bens e de insumos destinados ao enfrentamento do COVID-19¹. As medidas adotadas têm como propósito a garantia e a continuidade de serviços indispensáveis à população. Ao serem classificados como essenciais, as atividades e serviços podem continuar em operação mesmo durante restrição ou quarentena em razão do vírus.

Contudo, todas essas determinações não foram bem-sucedidas. No Brasil, as questões trabalhistas sempre tiveram inúmeras divergências políticas, ideológicas e econômicas; a qualidade do trabalho em nosso país sempre foi precária mesmo em governanças mais progressistas, visto que iniciamos o desenvolvimento da nossa história socioeconômica escravizando a mão-de-obra e esse regime de trabalho marcou nossa trajetória estrutural.

Todas essas questões mal resolvidas no decorrer da história em relação a mão de obra em nosso país intensificam-se quando nos deparamos com um quadro como este da pandemia, onde alguns trabalhadores que ainda não possuem seus direitos assegurados em apoio privado ou governamental, são obrigados a irem trabalhar em condições mínimas de segurança de saúde, arriscando-se assim em nome da subsistência imediata e do sustento familiar.

A situação de um adoecimento de um trabalhador não pode ser tomada isoladamente, pois o adoecimento coloca em questão as práticas cotidianas e os projetos de vida das (os) trabalhadoras (es) e também das organizações. Dessa

¹ FEDERAL, Governo. **Enfrentamento ao coronavírus: os serviços essenciais que não podem parar durante a pandemia.** <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/enfrentamento-ao-coronavirus-os-servicos-essenciais-que-nao-podem-parar-durante-a-pandemia>

forma, a relação “saúde x espaços de trabalho” carece de maior atenção e estudo objetivando a criação de políticas de prevenção, de melhores condições de saúde e de qualidade de vida. Se não houver esperança de melhora nas condições de trabalho e de vida, o sofrimento só irá aumentar (DEJOURS, 2007).

Este trabalho pretende demonstrar como a pandemia afetou diretamente nas condições físicas e psicológicas dos trabalhadores bem como sua relação com a sociedade em que vive, seus procedimentos e relações de trabalho, as decisões governamentais que os atingiram diretamente em todas as áreas e a intensa precarização da mão de obra desses funcionários.

Sendo assim, a fundamentação teórica deste trabalho divide-se em quatro tópicos, que se mostram necessários para o entendimento do tema propostos” a pandemia e a saúde do trabalhador nas atividades consideradas essenciais”. Primeiramente, busca-se identificar como se desenvolveu a pandemia e demonstrar a importância das atividades operacionais essenciais em um âmbito socioeconômico no Brasil. Posteriormente, revelar como está a saúde emocional e física do trabalhador, e as questões relacionadas a manutenção da saúde. O terceiro tópico procura informar como é a precarização e desvalorização da mão de obra operacional em nosso país, a diminuição de direitos e salários. Por último, mostra como a responsabilidade empresarial e social e a adaptação dos modos de trabalho é de suma importância para evitar o contágio e a importância do incentivo à vacinação tanto para o operário quanto para o meio social em que ele vive.

1.1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.

Tendo em vista a importância desse grupo de trabalhadores para a sociedade e economia brasileira, este trabalho busca responder o seguinte problema: Qual é o impacto da pandemia na saúde do trabalhador nas atividades consideradas essenciais?

1.2. OBJETIVOS

Para responder o problema de pesquisa proposto, foram estabelecidos os seguintes objetivos geral e específicos.

1.2.1 Objetivos Geral

Identificar os impactos da pandemia na saúde dos trabalhadores das atividades consideradas essenciais.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Identificar o impacto da pandemia no cenário do mercado de trabalho das atividades consideradas essenciais;
- Descrever a importância das atividades operacionais essenciais no contexto socioeconômico;
- Relatar como está a saúde emocional e física do trabalhador operacional;
- Mostra como a precarização da mão de obra operacional foi intensificada na pandemia de COVID-19.

1.2.3. Justificativa

Justifica-se a elaboração e desenvolvimento da presente pesquisa a relatar que durante a pandemia da COVID-19 é notória a divulgação da importância das atividades consideradas essenciais, tendo como foco principal a área da saúde devido a sua importância inegável no combate ao vírus. Porém, há outras atividades relatadas no desenvolvimento deste trabalho que colaboram intensamente para a manutenção da saúde e continuidade mesmo que limitada da vida do cotidiano das

pessoas. E estas atividades não foram tão exploradas pelas organizações de pesquisa em saúde e trabalho.

O trabalho assume centralidade na análise de estratégias de controle da doença e retomada de desenvolvimento econômico no período pós-pandemia, viabilizando, ou não, a manutenção do distanciamento social e de condições dignas de sobrevivência. Essas condições poderiam ser alcançadas por meio da garantia de renda e direitos sociais, e a proteção à saúde de trabalhadoras (es) envolvidas (os) em atividades essenciais, como atenção à saúde, produção e distribuição de alimentos, limpeza urbana, dentre outras. (Caderno Saúde Pública, 2020, p2)²

Por isso se faz necessário trazer a luz essas atividades e como estas são importantes. E destacamos também a questão da saúde destes trabalhadores, como ela é tratada mediante ao caos que vivemos, como as condições de trabalho impactaram no físico e no emocional destas classes de trabalhadores, como a preservação da vida deles é de suma importância para nossa economia, como as empresas precisam entender que há seres humanos além de máquinas no “chão de fábrica”, além de automóveis e motores, há homens e mulheres em busca de seu sustento mesmo sabendo dos riscos que correm diariamente.

A sociologia do trabalho aborda a vulnerabilidade como produto da precarização do trabalho, dada a centralidade do trabalho nos processos de sociabilidade. A perspectiva de agravamento da precarização do trabalho durante e após a pandemia aponta para a acentuação do cenário de desigualdades anterior à mesma e surgimento de novos grupos sociais, historicamente mais desprotegidos, em situação de vulnerabilidade. Associado a isso, a inadequação das políticas sociais e dos dispositivos associados como respostas às demandas existentes pode constituir antipolíticas provenientes de “diagnósticos equivocados” que reduzem a capacidade distributiva e ampliam as desigualdades. (Caderno Saúde Pública, 2020, p3)

² Caderno Saúde Pública. **Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de COVID-19.**
<https://www.scielo.br/j/csp/a/W7bdfWDGNnt6jHCcCChF6Tg/?lang=pt&format=pdf>

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Vergara (2000), denomina-se referencial teórico o capítulo do projeto que tem por objetivo apresentar os estudos sobre o tema, ou especificamente sobre o problema, já realizados por outros autores. Faz, portanto, uma revisão da literatura existente, no que concerne não só ao acervo de teorias e as críticas, como também a trabalhos realizados que as tomam como referência. Assim, essa seção aborda as questões pertinentes ao grau de impacto da pandemia na saúde dos funcionários de atividades operacionais essenciais, descrevendo a importância dessas atividades, mostrando como está a saúde física e emocional dos mesmos e a desvalorização da mão de obra intensificada durante a pandemia.

3. METODOLOGIA

Este tópico objetiva descrever como esta pesquisa será realizada, bem como os métodos utilizados para obter informações referentes ao tema.

3.1. TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa classifica-se como bibliográfica que segundo Vergara (2000), a pesquisa bibliográfica é um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.

Alguns critérios foram escolhidos para a escolha da bibliografia, (1) artigos publicados em periódicos nacionais Scielo, Google acadêmico e Speel (2). Não delimitou o tempo de publicação pois o assunto em questão é relativamente novo (3) adotou-se as expressões COVID-19, atividades essenciais, saúde do trabalhador, condições de trabalho, como palavras-chave de busca;(4) livros acadêmicos e literatura.

Pesquisas feitas nos portais eletrônicos referenciam-se aos assuntos relacionados as decisões públicas a pandemia com valores atuais referentes a temática discutida, foi utilizado 20 publicações.

4. RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

4.1. A pandemia e a importância das atividades operacionais essenciais

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ainda nos primeiros meses de 2020 que o COVID-19, causado pelo novo coronavírus, já é uma pandemia. Segundo a Organização, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.³

O grande desafio da saúde pública mundial na atualidade, assim foi e continua sendo os impactos da pandemia da COVID-19 no tecido social. Sabe-se que nada voltará ao normal e que tudo será feito de forma diferente, o comportamento das pessoas, os modos de trabalho, as ações públicas, nada será como antes. O dito “novo normal” oculta as contradições de nosso modelo de vida anterior, insustentável, alienante, estressante, incapaz de promover a plena satisfação humana no mundo do trabalho.

E falando sobre trabalho, lembramos dos trabalhadores operacionais nas atividades consideradas essenciais, que enfrentaram duras e exaustivas jornadas de trabalho antes e durante a pandemia. Há de se reconhecer também, o papel e a importância que esse indivíduo tem perante a sociedade e economia do nosso país, essas atividades estão presentes nas áreas de saúde, manutenção, transporte, logística entre outros. São trabalhadores razoavelmente qualificados do ponto de vista técnico, mas que vivem sob o regime da precarização profissional, levando-se em consideração nossa conjuntura de perda de direitos trabalhistas, de enfraquecimento da ação sindical e de uma ousada ofensiva política completamente atrelada exclusivamente ao lobby empresarial.

O sistema de energia elétrica e saneamento básico, nesse período de pandemia, nunca foi tão requisitado a funcionar de forma eficaz, a manutenção da qualidade de vida depende do abastecimento correto de água, energia e coleta de lixo e esgoto. No entanto, o custo social cada vez mais se eleva, e os segmentos da base social cada vez mais sofrem com a escassez, com a inflação, com a iminência da

³ O que é uma pandemia. <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>

pobreza e com o futuro incerto em todos os aspectos existenciais. De acordo com Dutra e Smiderle (2020), além dos impactos na vida da população e no sistema de saúde, a COVID-19 afeta também a economia. Medidas como o isolamento social e paralisação de atividades econômicas, que visam reduzir a transmissão do vírus, causam perdas massivas de emprego e renda; ou seja, a desaceleração econômica também produz vítimas pois tais pessoas estão jogadas na subalternidade social, pela aflição do desemprego e pelo risco da pobreza imediata que desestrutura toda base pessoal e familiar.

As estruturas de comunicação ganharam uma posição de destaque na reconfiguração laboral imposta pela pandemia, o uso da internet nunca foi tão demandado, grande parte do comércio físico passou a atuar de maneira virtual, as relações de trabalho, transações bancárias se intensificaram ainda mais no mundo virtual, foi um momento de adaptação informacional pois ainda andávamos a passos curtos para esse desenvolvimento tecnológico na área de comunicação/ virtualização. Com efeito, o setor das vendas online foi o que mais cresceu no decorrer da pandemia, assim como os seus segmentos concretos, trabalhadores de aplicativos cada vez mais convocados e, por conseguinte, extenuados e precarizados. Trata-se de um sofrimento socialmente invisível. Conforme argumenta Guy Standing,

O precariado vive com ansiedade – insegurança crônica associada não só à oscilação à beira do limite, sabendo que um erro ou um episódio de má sorte poderia pender a balança entre a dignidade modesta e ser um sem-teto, mas também com o medo de perder o que possui, mesmo quando se sente enganado por não ter mais (STANDING, 2013, p. 42)

Para, Rodrigues, Moreira e Lucca (2021), na atualidade, a precarização encontra na uberização sua expressão máxima, implicando na perda do sentido do trabalho. Em uma sociedade definida pela centralidade do trabalho, a precarização deste dificulta o processo de identificação e construção de si, quando se vê o reforço da alienação social e dos processos de coisificação das relações humanas.

O termo uberização, nunca foi tão mencionado quanto em épocas de pandemia, com o agravamento das questões econômicas e políticas as novas decisões nas leis trabalhistas como redução de salários e contratos suspensos além do grande número de desempregados, e o avanço das questões de vendas online por conta do isolamento, muitos trabalhadores buscaram essa alternativa para obter uma

renda mesmo com total vulnerabilidade ao contágio que a função proporciona. Assim podemos identificar a seguinte situação:

De acordo com a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), COVID19, enquanto 13,8% das pessoas ocupadas tiveram algum sintoma que pode ser relacionado à COVID-19 nos últimos sete dias ao dia de referência da pesquisa em maio de 2020, esse índice entre os motoristas (de aplicativo, taxi, van, moto táxi ou ônibus) foi de 14,7% e entre os entregadores de mercadorias (de restaurante, farmácia, loja, Uber Eats, iFood, Rappi etc.) de 15,7%. Apesar da alta proporção de pessoas com sintomas, os entregadores de mercadorias estavam entre os que menos se afastaram do trabalho em maio de 2020, com uma taxa de afastamento de apenas 12,5%, indicando a alta requisição desse tipo de trabalho em épocas de isolamento social e a necessidade e disposição dos trabalhadores em realizar esse trabalho. Acompanhando a mesma tendência, os motoboys tiveram uma taxa de afastamento temporário do trabalho de 15,2% no período. De outro lado, os motoristas estavam entre os que mais se afastaram do trabalho em maio, com uma taxa de 35,9%. (Manzano e Krein, 2020, p.7).

O sistema de transporte também foi bastante afetado, além das estradas mal conservadas, a degradação do transporte público, elevação do preço das passagens, serviços de baixa qualidade e grande aglomeração de pessoas em espaços insalubres, o que vai completamente contra as diretrizes sanitárias para o combate à pandemia. O trabalhador de base teve que se sujeitar a essa situação, principalmente aqueles que não são beneficiados pelo home office. No entanto, muitos segmentos plutocráticos pouco se importaram com essas dificuldades sofridas pelos trabalhadores de base, pois consideram que essa situação é inevitável em uma economia de risco.

Segundo relatório de 2018 da Associação Nacional de Transporte Público: a operação do transporte público coletivo é feita por 620 mil profissionais, ao passo que a gestão do trânsito é feita por 120 mil profissionais. Na operação dos táxis são estimados 206 mil condutores. Dessa forma, para o ano de 2018 são estimados 947 mil empregos diretos na mobilidade urbana.

Figura 1 : Relatório 2018 – Sistema de Informações da Mobilidade Urbana da Associação Nacional de Transportes Público

Tabela 3	
Pessoas empregadas na mobilidade por setor de atividade, 2018	
Setor de atividade	Pessoas empregadas
Operação do transporte público	
- Ônibus municipais	442.326
- Ônibus intermunicipais	144.044
- Ferrovias e metrô	33.888
- Subtotal	620.258
Operação dos táxis ¹	206.182
Gestão do trânsito ²	120.372
Total	946.812

Fonte: SIMOB/ANTP

Sabemos também que a questão do transporte público engloba não somente os usuários, mas também seus operadores, motoristas que estão correndo risco de vida há todo instante, em contato com milhares de pessoas e dinheiro, em ônibus onde boa parte não há janelas para circulação de ar, pois alguns carros possuem ar-condicionado e tem suas janelas lacradas, mal conservados e sem higienização adequada, as frotas foram reduzidas durante a pandemia de COVID-19, alegando o baixo número de viajantes, por conta do home office e o auto custo que seria gerado para a higienização dos veículos, mas não foi isso que foi visto, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde transportes públicos com superlotação foram identificados por conta da redução do número de veículos em circulação, para atender toda a população que não é beneficiada com trabalho remoto, que é a grande maioria da mão de obra das atividades essenciais, além do que a massa da população usa transporte público para ir aos centros de atendimento à saúde como: clínicas, hospitais e laboratórios. Alguns desses serviços não são disponibilizados ou não funcionam de forma eficiente próximo as suas residências, gerando um alto grau de movimentação de pessoas infectadas nas conduções junto aos trabalhadores.

A logística, nesse período de pandemia foi extremamente significativa, desde os transportes comuns de bens e de consumo, transporte de material hospitalar em grande escala, posteriormente as vacinas que tiveram que ser transportadas de forma especial, muitos de seus profissionais tiveram que se desdobrar para atender a grande demanda que foi e continua sendo os serviços prestados pela logística. Além de todos os riscos de contágio com objetos e embalagens que vem de outros locais do mundo que passam pelas mãos desses profissionais.

Os processos de logística em meio a pandemia são explicados por Paiva e Miguel (2020): a logística, como as artérias que transportam o oxigênio pelo corpo, permite à sociedade continuar minimamente funcionando sem entrar em colapso total, já que é responsável pelo fluxo de mercadorias entre produtores e fabricantes até o

consumidor final. Com a recomendação de isolamento social, as alfândegas e as empresas de transporte (rodoviário, aéreo ou marítimo) também foram obrigadas a diminuir o número de funcionários trabalhando em horário regular, o que resultou em um tempo maior de trânsito. Vários portos e aeroportos estão operando com controles sanitários rigorosos para evitar a disseminação ainda maior do vírus. Vale mencionar também as restrições a voos, à atracação de navios e bloqueios de estrada, que não permitem muitas vezes que uma mercadoria seja descarregada no seu destino. Mais uma vez, o tempo de entrega é prolongado e o atendimento é penalizado. Neste contexto, várias profissionais que atuam na área têm trabalhado de forma intensa para vencer estes obstáculos e manter a operação. Por isso, para que os hospitais estejam preparados de forma adequada para o atendimento à população, a logística é fundamental para disponibilização rápida de materiais e equipamentos.

As atividades econômicas foram divididas em treze grupos de atividades essenciais e três grupos de atividades não essenciais, organizadas a partir das 673 classes da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), conforme sintetizado pela figura 2.

Figura 2 : Atividades econômicas essenciais e não essenciais

Essenciais	Serviços de saúde Defesa civil, segurança e ordem públicas Transporte de cargas, serviços de entrega e atividades auxiliares dos transportes Transporte de passageiros Comércio essencial Alimentação, Bancos, Limpeza e Funerária, e outros serviços essenciais Fabricação de produtos essenciais, como alimentos, bebidas, produtos de higiene pessoal e limpeza, produtos farmacêuticos e produtos médicos e hospitalares. Construção civil Serviços de utilidade pública (eletricidade, gás, água e esgoto) Agricultura, pecuária e pesca Petróleo, gás e biocombustíveis Serviço público Imprensa, informação e telecomunicação
Não essenciais	Produção florestal, indústrias extrativas (com exceção de petróleo e gás e suas atividades de apoio), produção de fumo, têxteis, vestuários e outras atividades industriais não essenciais. Comércio não essencial Serviços não essenciais

Fonte: CNAE

Todos os trabalhadores atuantes nas diversas áreas citadas acima, passaram por momentos de muita pressão moral, cada um em um nível de exposição diferente,

com muito desgaste físico e psicológico. Tais trabalhadores foram verdadeiros heróis laborais, pois a exposição inevitável aos riscos sanitários fez com que muitos adoecessem ou chegassem a óbito gerando uma preocupação das áreas de estudo sobre saúde do trabalho.

4.2. A saúde emocional e física do trabalhador operacional

O direito à saúde é um dos pilares cruciais da CRFB, previsto como um direito social das trabalhadoras e trabalhadores urbanos e rurais (artigo 7º, inciso XXII), além de estabelecido como direito de todos e dever do Estado (artigo 196 CRFB). p.213.

O trabalhador operacional, normalmente atua nas fazes de desenvolvimento, construção, finalização e manutenção de um produto ou serviço. Não cabe, em alguns casos, tomadas de decisões arriscadas, como questões de investimentos, finanças, gerenciamento e análise, e por isso são vistos como trabalhadores de chão de fábrica, mão de obra que faz a “roda girar”.

Estes indivíduos, muitas vezes, são invisíveis na sociedade, e não é reconhecida sua importância para o desenvolvimento social e econômico de nosso tecido produtivo, a grande maioria são trabalhadores que moram em regiões periféricas, pertencentes as classes D e E da sociedade, possuem salários muito baixos, e algumas empresas não garantem benefícios, como por exemplo, plano de saúde, e eles também não possuem condições de obtê-lo devido à baixa remuneração que é apenas direcionada para os custos básicos de subsistência. Trata-se de uma mão de obra descartável, se o trabalhador não cumpre de maneira satisfatória o seu papel na organização, outro poderá substituí-lo nessa empreitada. Essa é a lógica do capitalismo flexível:

O sinal mais terrível dessa mudança talvez seja o lema “não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho (SENNETT, 2002, p. 21-22).

Negri, Galliez, Miranda, Koeller, Zucoloto, Costa, Farias, Travassos e Medronhoem (2020), em nota técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplica

(Ipea), discorre que, a literatura mostra que a taxa de mortalidade tende a ser crescente com a idade, decrescente com o nível de escolaridade e com o nível de desenvolvimento, mais elevada para pretos e pardos, em comparação aos brancos e amarelos, e para os homens. Os estudos mostram também que a ocupação e a atividade econômica dos indivíduos influenciam a chance de óbito por COVID-19, sinalizando que as ocupações e atividade econômicas relacionadas aos setores de saúde, segurança, educação, serviços sociais, serviços pessoais, serviços de proteção, construção e comércio aumentariam essas chances.

E boa parte desses trabalhadores durante a pandemia passaram por momentos mais complexos do que o seu cotidiano exaustivo. Os serviços de péssima qualidade no transporte público, segurança, falta de benefícios básicos para manter a saúde, alta nos preços da cesta básica, fatores deletérios para o aumento do medo ao contágio, assim como a banalização do sofrimento psicoexistencial dos trabalhadores, que são apenas massa humana destinada para exercer as funções invisíveis em nossa estruturação social.

Ribeiro, Silva, Santos, Ribeiro (2021) afirmam que, diante dessas evidências, é importante destacar que um dos impactos graves das crises sanitárias é o aprofundamento das desigualdades sociais, especialmente em contextos marcadas por assimetrias socioeconômicas históricas, como é o caso do Brasil. Tal condição aprofunda tanto os riscos de rupturas da tessitura social como reduz as possibilidades de promoção do desenvolvimento socioeconômico.

A flexibilidade legal e a deficiência governamental nos direitos dos trabalhadores, a falta de investimento na saúde, educação, a desvalorização da mão de obra, a falta de segurança, todas essas preocupações fizeram com que muitos desses funcionários adoecessem, física e mentalmente também. E ainda hoje, a nossa sociedade negligência a saúde emocional, encarada como algo não prioritário ou levado de forma sem muita importância, porém sabemos que a maioria das doenças físicas começam mentalmente.

Um estudo feito pela Fiocruz (2020), estima-se que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados. Os fatores que influenciam o impacto psicossocial estão relacionados à magnitude da epidemia e ao grau de vulnerabilidade em que a pessoa se encontra no momento.

E assim chegamos à conclusão que o trabalhador que não consegue assistência pública e nem privada para cuidar da saúde física e emocional, fica fadado ao destino inserto do que será o amanhã, sabendo que a rotina vai se repetir e mesmo esgotado físico e mentalmente ele continuará seguindo a sua vida sem nenhuma qualidade e garantia dos seus direitos. Temos aqui a conjugação da corrosão do caráter, a sociedade do cansaço e o esgotamento profissional, mas que continua independente de qualquer situação lutando para sua sobrevivência em meio ao caos imposto pelo capitalismo sem freios e sem ética.

À medida que se desenvolve o capitalismo, a burguesia não precisa valer-se de reis terroristas para conseguir braços para o trabalho. Ela o consegue “automaticamente” quando o trabalhador “livre”, pelo jugo da fome, é obrigado a vender sua força de trabalho (TRAGTENBERG, 2010, p. 58).

4.3. Precarização da mão de obra operacional

Segundo Bittencourt (2021), as vidas humanas, na era global de destruição dos direitos sociais, valem menos do que as empresas. O poder corporativo alcança assim sua hegemonia, atuando como o verdadeiro poder político que manipula as governanças estabelecidas.

Mesmo antes da pandemia, passamos por uma crise no mercado de trabalho muito grande que se perdura até os dias atuais, o governo atual tem um elevado grau de responsabilidade pelo quadro que se apresenta atualmente, houve muitos cortes de direitos trabalhista, uma terceirização sem freio, fez com que a mão de obra operária se desvalorizasse em níveis alarmantes.

Hoje são poucas empresas que mantiveram sua responsabilidade de forma privada em manter direitos e benefícios a nível hierárquico de funcionários, mas a grande maioria foi no caminho conforme se fez as novas leis trabalhistas, o empresário achou benéfico as atuais diretrizes, afim de obter lucro, e o operário paga com o seu serviço cada vez mais menosprezado, mais uma vez vemos o lobby empresarial atuante nas questões de trabalho.

Durante a pandemia observou-se muitos empresários cobrando das autoridades competentes um posicionamento sobre como ficaria a saúde financeira

de suas empresas mediante a situação pandêmica, sendo assim destacamos o setor secundário onde engloba a transformação de produtos, como indústrias e construção e o setor terciário, a venda de produtos e prestação de serviços, há de se destacar o setor terciário que de acordo com dados do PIB esse setor é responsável por cerca de 75% da geração de empregos, mostrando-se assim o ramo de maior significância na economia brasileira. Já a indústria, representa 21,4% do PIB do Brasil, ela é responsável por 20,4% do emprego formal, 70,1% nas exportações de bens e serviços, 33% na arrecadação de tributos federais e 69,2% em investimento empresarial em P&D. A indústria de transformação, que transforma matéria-prima em produto final, responde 11,8% do PIB e por 14,4% do emprego formal. Assim, vemos o quanto deve ser discutida as condições de trabalho desses empregados de indústrias e empresas menores prestadoras de serviço, porque grande é a relevância da figura do empregado, afinal, essa mão de obra é de suma importância para economia do nosso país.

Segundo Pinzani (2020), os dados empíricos recolhidos nos países sul-americanos mostram constantemente que o acesso aos direitos básicos não é universal, mas depende de fatores como classe social, renda e grau de instrução. Cidadania é um bem universal, na teoria, mas, na prática, se revela um luxo para poucos.

No Brasil, de forma a confirmar o que foi relatado na citação acima, a nossa Constituição assegura o direito a saúde, segurança, educação, trabalho e etc... No entanto, todas essas promessas ficam no papel, pois efetivamente uma minoria privilegiada de trabalhadores possui seus direitos garantidos e desfrutam com total conforto suas vidas, a grande massa de trabalhadores brasileiros lutam diariamente por migalhas oferecidas mensalmente que não os dão direito a própria sobrevivência de forma a sanar suas necessidades primárias.

O discurso neoliberal é carregado de uma retórica do indivíduo, mas a prática do neoliberalismo acaba por destruir a liberdade individual. A competição e o conformismo são duas faces de uma mesma moeda na esfera do mercado:

Os indivíduos de hoje já não perseguem projetos de vida autônomos. Em vez disso, eles são fragmentos de tempo precarizado, fractais em recombinação incessante, unidades conectivas que devem interagir com perfeição, se quiserem ser eficientes sob o domínio da rentabilidade econômica (BERARDI, 2020, p. 193).

Os salários estão cada vez mais baixos, o ser humano é substituído pelas máquinas e outras tecnologias, a carga horária exaustiva, tirando o direito e a possibilidade de o operário desfrutar sua vida em sociedade, lazer ou até mesmo na busca por conhecimento, uma renda extra sabendo que seu salário não é o suficiente para seu sustento e de sua família. Esse processo de espoliação laboral decorre da supremacia de um dispositivo econômico ultraliberal, que é separado de qualquer consideração pela dignidade da pessoa humana e apenas estabelece cálculos de rentabilidade para melhor satisfazer os seus índices de lucratividade.

Para Antunes (2008), a precarização do trabalho tem caráter estrutural, sendo uma faceta da reestruturação produtiva e organizacional adotada por empresas que visam aumentar seus lucros, a partir do aumento de produtividade da mão de obra, ao passo em que se diminui a carga de direitos trabalhistas e o número de postos de trabalho para que haja mais indivíduos à procura de trabalho e dispostos a aceitar, sem contestação, condições precárias de contratação.

4.4. Responsabilidade empresarial e social

Por fazerem parte do quadro operacional essas classes de trabalhadores são impossibilitadas de trabalhar em home office pois os modos e métodos de trabalho não dão condições para realizar suas atividades em casa.

Sendo assim, o papel das empresas no cuidado com esses indivíduos se intensifica. No início da pandemia havia muitas denúncias de empresas que negligenciaram a sua responsabilidade de informar sobre cuidados preventivos e adaptação das suas atividades, levando a um número significativo de trabalhadores a óbito.

Por se tratar de uma doença, muitas vezes, silenciosa e sem sintomas visíveis inicialmente e pela falta de sensibilidade governamental e privada como retrata Renato Nunes Bittencourt:

Talvez a ausência de sintomas visualmente chocantes impeça aos segmentos ignorantes da sociedade a adoção de maiores cautelas profiláticas, recalcitrando-se em posturas estúpidas e temerárias [...]. Esse fato, além da demora em se diagnosticar a COVID-19 talvez gere no imaginário popular a falsa crença de que é uma doença que não acarrete maiores problemas para o enfermo. O alto índice de letalidade desmistifica, a passos

lentos, esse mito espúrio. Por diversos fatores alheios aos bem comum, inúmeros governos nacionais camuflaram os problemas reais da difusão pandêmica da COVID-19, defendendo a preservação da normalidade da vida cotidiana. O turismo, a produção e os negócios são colocados acima das necessidades humanas fundamentais, pois o lucro é o foco maior da agenda política controlada pela lógica do mercado. Os resultados deletérios dessa irresponsabilidade política não tardaram a se manifestar: contaminação massiva da população, taxa de mortalidade se ampliando em proporção geométrica, colapso dos hospitais, falta de equipamentos médicos, exaustão dos abnegados profissionais de saúde, histeria coletiva, profusão de teorias esquizoides para justificar tamanha miséria pandêmica. (BITTENCOURT, 2020, p.2).

Sabemos que hoje em 2021 alguns passos foram dados, há uma grande necessidade de se pensar métodos diferentes de trabalho, assim como ações de saúde e controle, escalas mais bem alinhadas, higienização do espaço onde se exerce a função, testes para verificar contágio, controle da temperatura, cuidado no transporte, uso de equipamentos (EPI) Equipamento de Proteção Individual e (EPC) Equipamento de Proteção Coletiva, mais seguros para evitar a transmissão do vírus dentro e fora da empresa, além das doações e incentivos que algumas empresas oferecem em épocas de pandemia, mesmo que estes sejam afim de obter vantagens competitivas mercadológicas e governamentais.

O cuidado com esses empregados vai além das portarias das firmas, é necessário entender o papel que eles representam na sociedade e que carregam o nome da empresa em seus crachás e uniformes e são reconhecidos por trabalharem nas empresas x ou y. De acordo com dados da Nota Técnica do IPEA (2020), trabalhar na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro também implica maiores chances de morte por COVID-19. Sabe-se que as grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, além de apresentarem os primeiros focos da doença, tiveram um papel importante na irradiação da epidemia para o interior do país. Sendo assim, a maioria dos trabalhadores oriundos de pequenas cidades do interior que percorrem um longo caminho até as grandes cidades para desenvolver suas funções estão mais propensos ao contágio e levar a doença para as suas casas.

Segundo Castro e Augusto (2021), os fenômenos de saúde são processos concretos que incidem sobre os corpos das pessoas e nos coletivos representados

por espaços populacionais, territórios de vida e trabalho. Os contextos e as dinâmicas socioambientais, em geral, carregados de conflitos de interesses, não são vistos como planos de emergência e de interações para ações de cuidado e prevenção.

E hoje, graças ao avanço da ciência em pesquisa conseguimos a tão sonhada vacina, e além do incentivo aos cuidados necessários, deve-se também incentivar a importância da vacinação e o quanto isso é benéfico não só a empresa, mas principalmente a eles quanto cidadãos.

O binômio vacinas e vacinações vem sendo considerado, portanto, nessas estratégias globais fundamentadas em evidências científicas, como a atividade de saúde pública de maior impacto epidemiológico e uma das formas mais efetivas de garantir a qualidade de vida e uma longevidade saudável. É reconhecido como uma das atividades de saúde pública que contribuem mais fortemente para aumentar a expectativa de vida das populações. Além disso, o alto custo-benefício por ele proporcionado já foi demonstrado amplamente em vários estudos científicos (Bloom, Fan e Sevilla, 2018).

A alta cobertura vacinal constrói uma barreira imunitária contra a disseminação do agente infeccioso imunoprevenível que tem seres humanos como reservatórios. Para isso é requerida a cobertura vacinal de 95% da população suscetível, e para se 47 Agenda 2030 na Perspectiva do Desenvolvimento Sustentável obter um alto grau de imunoproteção individual e da população, são requeridas duas ou mais doses de vacina. Nas doenças para as quais não há imunidade de grupo, como tétano e febre amarela de transmissão silvestre, a cobertura vacinal deve ser de 100%. (Homma, Possas, Noronha, Gadelha, 2020).

As empresas também precisam ter um olhar mais humano para todas essas situações apresentadas atualmente, repensar os métodos de trabalho, formas de melhor remuneração, isso tudo é essencial e todos ganham, a empresa com funcionários mais bem preparados e motivados e o funcionário tendo qualidade de vida e um bom ambiente de trabalho para se desenvolver profissionalmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma conclusão deverá ser feita, mas em cada um de nós existe uma crença ou interpretação para tal fato que mexeu e ainda meche com o psicológico de um mundo todo, no início se pensava que nunca mais seríamos os mesmos, mas na data de hoje, pelo menos no país em que vivo, nada mudou completamente, a não ser a degradação continua do psicológico das pessoas, a ganância suprema do poder perdura, os objetivos sombrios do patriarcado político continua, os mais desprovidos de qualquer bem continuam cada vez mais desprovidos do direito ao básico, a vida segue esse fluxo injusto e triste, as perdas irremediáveis, o vazio existencial causado por uma pandemia que afundou um pouco do que tínhamos e podíamos chamar de sanidade, exagero ou não, cabe a cada um de nós entender o seu nível em suportar tal terror, medo da morte, fria e silenciosa que não sabemos ao certo de onde vem e que sofre mutação com velocidade, as vezes assintomática, as vezes fortes ou com sintomas leves graças a vacinação.

A vacina em tempo recorde veio para tentar salvar aqueles que ainda estão de pé, abalados e destruídos por dentro, mas continuam com suas belas capas tentando viver com aquilo que restou de vida, maquiando a dor das perdas e o medo que ainda existe. Nunca esqueceremos tal fato e que possamos lutar para que nunca mais isso se desenvolva de nenhuma maneira, há tantos argumentos explicativos, estudos, ciência, achismos, crenças e teorias que não cabe aqui dizer.

Vemos aqui apenas os relatos de como a “roda propulsora” do nosso país é tratada e desvalorizada, há de se ter perdas para que o mínimo de migalhas de dignidade seja oferecido, a luta por condições de trabalho continua, mesmo com pouca esperança, sinto que estamos acomodados, acostumados em ser tratados como “escravos” e um “pedaço de pão” já basta para matar a fome de hoje. Que a mentalidade desenvolvida a partir de tudo que ocorreu na pandemia faça com que possamos acordar para lutar por nós e por aqueles que são esquecidos e fazem parte do desenvolvimento econômico do nosso país.

Nós não morremos mais porque algumas atividades foram consideradas essenciais, uma pena que tais trabalhadores dessas atividades não foram e não são

tratados como essenciais, a palavra atividade em si não é personificada é só uma palavra ela é morta, a vida está em quem a executa e isso é o que nós devemos nos preocupar e lutar. Deixo aqui lágrimas ao findar este trabalho, lembrando das perdas e sofrimentos passados que tive de entes queridos, trabalhadores de atividades essenciais que tocaram profundamente meu coração. A administração deverá repensar suas teorias daqui por diante, o topo da pirâmide organizacional, onde está o poder, as estratégias precisam ser repensadas em suas decisões, para que a base seja solidificada, consolidada e bem executada afim de sustentar nossa economia com humanidade e qualidade, que venhamos entender que funcionários são pessoas, externas ou internamente as empresas, são seres humanos e merecem respeito.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. (2008). **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (13a ed.)**. São Paulo: Cortez Acesso:06 dez. 2021.

BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Trad. de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57834> . Acesso em: 11 nov. 2021.

BITTENCOURT, R.N. **Mobilização fascista, abismo democrático e ruptura institucional**. Revista Espaço Acadêmico. n.223. Rio de Janeiro: p 134. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54864>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BITTENCOURT, R.N. **Pandemia, engajamento sanitário, desajuste social e necrofilia presidencial**. Voluntas, Santa Maria, v. 11, e14, p. 1-16, jul. 2020 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43929>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BLOOM, B. R.; LAMBERT, P.H. **The Vaccine Book. 2ª**. London: Elsevier, 2016. p. 25-27.

CASTRO, H.A; AUGUSTO, L.G.S. **Saúde do Trabalhador em tempos de desconstrução: caminhos de luta e resistência: trabalho e ambiente no processo de determinação da saúde**. Rio de Janeiro: CEBES,2021. P.201.

Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/assets/anexos/46d5bc28925cece036221f9ae140aa6d.PDF>. Acesso: 06 dez. 2021.

CRFB. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988 | Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-7--inc-XXII> Acesso em: 08 dez. 2021 .

DEJOURS, C. (2007b). A carga psíquica do trabalho. In C. Dejours, E. Abdoucheli, & C. Jayet, **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho** (pp. 21-32). São Paulo: Atlas.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/thJhxdwGBry6CpShjHxnH9J/?lang=pt> . Acesso em: 06 dez. 2021.

DUTRA, J; SMIDERLE, J: **Água e saneamento na pandemia da COVID-19 – desafio e oportunidade**. Conjuntura Econômica IBRE. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

Disponível em: <https://ceri.fgv.br/blog/agua-e-saneamento-na-pandemia-da-COVID-19>. Acesso em: 09 dez. 2021.

FEDERAL, Governo. **Enfrentamento ao coronavírus: os serviços essenciais que não podem parar durante a pandemia**.2020. Disponível em:< <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/enfrentamento-ao-coronavirus-os-servicos-essenciais-que-nao-podem-parar-durante-a-pandemia> > . Acesso em: 11 nov. 2021.

GOES, Geraldo S.; MARTINS, Felipe S.; NASCIMENTO, José A. S. **Nota Técnica: potencial de teletrabalho na pandemia: um retrato no Brasil e no mundo. Carta de Conjuntura**, n. 47, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200608_nt_cc47_t_eletrabalho.PDF. Acesso em: 06 dez. 2021.

HOMMA, A; POSSA.C; NORONHA.J.C; GADELHA.P. **VACINAS E VACINAÇÃO NO BRASIL: HORIZONTES PARA OS PRÓXIMOS 20 ANOS**.1.ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020.

MANZANO, Marcelo; KREIN, André. **A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil**. Campinas: Cesit/Unicamp, 2020. Disponível em: http://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/07/MANZANO-M-KREIN-A.-2020_A-pandemia-e-os-motoristas-e-entregadores-poraplicativo.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

MELO, B.D; PEREIRA, R.D; NOAL, D.S; SERPELONI, F; KABAD, J.F; KADRI, MICHELE; SOUZA, M.S; RABELO, J.V.M. **RECOMENDAÇÕES E ORIENTAÇÕES EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA COVID-19: Gestão E Organização Dos Serviços E Dos Cuidados Em Saúde**. Brasília: FIOCRUZ 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_COVID19_Fiocruz.pdf . Acesso em: 09 dez. 2021.

NEGRI, Fernanda; GALLIEZ R.M.; MIRANDA. Pedro; KOELLER, Priscila.; ZUCOLOTO, Graziela; COSTA, Joana.; FARIAS, Claudio. M.; TRAVASSOS Guilherme H.; MEDRONHO, Roberto. A. **Nota Técnica: Chances de óbito por COVID-19 entre os trabalhadores formais: evidências do Estado do Rio De Janeiro**. n.76,2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/201104_nt_diset_n_76.pdf . Acesso em: 06 dez. 2021.

PAIVA, E.L; MIGUEL, P.L.S. **COVID-19: A importância da atividade de logística em situações de crise extrema**. Rio de Janeiro: FGV EASP,2020. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/noticias/COVID-19-importancia-atividade-logistica-situacoes-crise-extrema>. Acesso em: 08 dez. 2021.

PINZANI, A. **Reflexões Sobre Uma Pandemia: Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições Políticas da pandemia**. Florianópolis: Néfilonline, 2020. p.21-29.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Entenda a economia do Brasil, seu contexto, atualidades e perspectiva.** Portal da Indústria. Brasília: CNI, 2019. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/economia/> . Acesso em: 24 Jan. 2022.

RIBEIRO, M.E; SILVA, S.E; SANTOS, S.R; RIBEIRO, M.M: **Administração Política do Espaço Geográfico: análise da capacidade de gestão da pandemia da COVID-19.** Revista Interdisciplinar de Gestão Social. Bahia: RIGS, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/42609>. Acesso em: 09 dez. 2021

RODRIGUES, N.L.P. RAMOS; MOREIRA, A.S; LUCCA, S.R. **O presente e o futuro do trabalho precarizado dos trabalhadores por aplicativo.** Caderno de Saúde Pública. São Paulo: CSP 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static//arquivo/1678-4464-csp-37-11-e00246620.pdf> . Acesso em: 09 dez. 2021.

SANTOS, K.O.B; FERNANDES, R.C.B; ALMEIDA, M.M.C; MIRANDA, S.S; MISE, Y.F; LIMA, M.A.G. **Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de COVID-19.** Bahia: Caderno Saúde Pública, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/W7bdfWDGNnt6jHCcCChF6Tg/?lang=pt&format=pdf> . Acesso 10 fev. 2022.

SIMOB/ANTP: **RELATÓRIO 2018 – Sistema de Informações da Mobilidade Urbana da Associação Nacional de Transportes Público – MAIO DE 2020.** Brasil: SIMOB/ANTP, 2020. Disponível em: <http://files.antp.org.br/simob/sistema-de-informacoes-da-mobilidade--simob--2018.pdf> . Acesso em: 09 dez. 2021.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

STANDING, Guy. **O Precariado: a nova classe perigosa.** Trad. de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TRAGTENBERG, Maurício. **O Capitalismo no Século XX.** São Paulo: Ed. UNESP, 2001

VERGARA, Sylvania C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3.ed. Rio de Janeiro: ATLAS, 2000.